

DE SVO: O REGISTO EPIGRÁFICO DA IMPENSA NA LUSITÂNIA*

LUÍS DA SILVA FERNANDES

Nos últimos anos, diversas publicações têm dado a conhecer um número crescente de inscrições peninsulares documentando fórmulas com a expressão *de suo*. Tais fórmulas, claramente reveladoras de *impensa* (CIL II: 1197; Ribeiro, 1982-1983: 273), seriam naturalmente associáveis ao registo epigráfico de actos de benemerência ou de gastos vultuosos (Melchor Gil, 1994: 96, n. 45, por exemplo). Efectivamente, René Cagnat, ao analisar os elementos que vieram enriquecer o formulário epigráfico, particularmente na época imperial, inclui *de suo* entre os indicadores da despesa efectuada, nos seguintes contextos: origem da quantia destinada à oferenda a uma divindade; condições de elevação de uma estátua honorífica; origem da quantia necessária à edificação ou restauro de um monumento (Cagnat, 1914: 251-293, esp. 254, 261 e 270).

No entanto, alguns autores notaram, na *Lusitania*, a presença frequente da menção *de suo* em contexto funerário, situação que Cagnat não refere (Ribeiro: 1982-1983: 276, RERC: 62-63)¹; por outro lado, as fórmulas com a expressão *de suo* reportam-se, em diversos casos a monumentos pouco dispendiosos, quer em contexto funerário, quer em contexto votivo (FE 39, 176; García Martínez / Le Roux, 1996: 59-67). Note-se ainda que a menção epigráfica da referida expressão predomina na Lusitânia. Efectivamente, num

* Texto apresentado na *IV Mesa Redonda Internacional "Sociedad y Cultura en Lusitania Romana"*, realizada no Museo Nacional de Arte Romano, em Mérida, nos dias 2, 3 e 4 de Março de 2000.

¹ Refira-se, no entanto, que a presença das fórmulas com a expressão *de suo* em contexto funerário, está documentada no mundo romano, pelo menos desde o final da época republicana, como sugerem os seguintes exemplos: na Península Itálica, uma placa duma necrópole rural, situada perto da localidade de Tor de' Schiavi, atesta que, em finais do período republicano, *Sex. Nonius Philocalus* mandou fazer à esposa *sepulchrum et titulum, de suo* (Friggeri, 1991: 262-263, nº 24); em Roma, nos alvares da época imperial, o columbário dos libertos e escravos dos *Volusii Saturnini* também regista a expressão *de suo* (Buonocore, 1984: 99, nº 53 — *de suo fecit*); em Aquileia (CIL V 1047), o liberto e *heres* de um *negotiator* encarregou-se, a expensas suas, do túmulo do seu patrono — *hoc monim(entum) de suo fec(it)*.

estudo sobre a presença da mulher na epigrafia do *conuentus Scallabitanus*, efectuámos a análise de uma amostra de cerca de 160 inscrições peninsulares com a expressão *de suo*, concluindo não só que esta ocorre maioritariamente na Lusitânia, mas também que surge habitualmente em contexto funerário (Fernandes, 1998-1999: 170-177, esp. 176²). Pareceu-nos então que seria interessante prosseguir a pesquisa sobre a utilização epigráfica da expressão *de suo* no território peninsular, tendo já constituído um *corpus* de 236 inscrições³. O presente texto constitui uma apresentação preliminar de alguns resultados dessa pesquisa, centrando-se no território da *Lusitania*⁴.

1. *De suo* na epigrafia peninsular

No contexto peninsular (vide gráfico 1), a maioria das inscrições com a expressão *de suo* localiza-se na Lusitânia (51%), existindo uma pequena superioridade da Tarraconense (27%) relativamente à Bética (22%)⁵. Se é certo que novos achados poderão eventualmente

² Os dados desse conjunto epigráfico, que não é exaustivo, constam do quadro XX (in Fernandes, 1998-1999: 212-220), dividido em três secções: Lusitânia, Bética e Tarraconense; cada secção contém colunas destinadas às referências bibliográficas, proveniência e datação da inscrição, ao dedicante e ao beneficiário e respectivo estatuto, ao donativo e às fórmulas utilizadas, bem como a algumas observações (âmbito do texto, conservação,...). Note-se que, por lapso, algumas inscrições da Lusitânia (ILER 3669; CIL II 1016; CIL II 1017; HEp 4, 152; HEp 4, 154) foram incluídas na secção da Bética; CIL II 5935 e CILA III.2, 62 pertencem à secção da Tarraconense; CIL II 1679 reporta-se, obviamente, à secção da Bética. Não devem ser tidas em conta as seguintes inscrições, presentes no referido quadro: AE 1987, 475; AE 1984, 465; CIL II 761; HEp 1, 90; CIL II 3349.

³ Os dados desse *corpus* foram sistematizados segundo o modelo indicado na n.2. No presente texto apenas apresentamos os gráficos com dados quantitativos e, no final, as principais referências bibliográficas respeitantes às inscrições efectivamente citadas no texto, independentemente dos artigos e *corpora* consultados; privilegiou-se a indicação de CIL II, CIL II², EE VIII, EE IX, ILER, HAE, HEp, FE e AE, tendo sido indicadas outras referências quando necessário.

⁴ Note-se que, no estágio actual da pesquisa, não possuímos informações completas para muitas das inscrições analisadas, no que respeita ao contexto arqueológico, material do suporte, tipo de letra, desconhecendo mesmo a tipologia do monumento epigráfico, particularmente quando a pedra se perdeu na voragem dos tempos. Assim, de momento, não é possível fazer uma análise quantitativa da tipologia e do tipo de pedra utilizada nos monumentos analisados, bem como uma seriação cronológica adequada.

⁵ Não tivemos em consideração diversas inscrições incompletas, que poderão ter contido fórmulas com a expressão *de suo*, mas cuja restituição é conjectural ou apenas provável. Destas últimas, consideramos muito provável, a presença da expressão em apreço num epitáfio incompleto de Mérida, publicado recentemente (HEp 6, 115).

equilibrar as percentagens atestadas na Bética e na Tarraconense, parece-nos que a preponderância das ocorrências na Lusitânia apresenta um cariz estrutural que dificilmente sofrerá alterações substanciais com a descoberta de novas inscrições.

No que respeita à Lusitânia (vide gráfico 2), saliente-se o peso esmagador dos testemunhos do *conuentus Emeritensis* (77%) face às ocorrências do *conuentus Scallabitanus* (16%) e do *conuentus Pacensis* (7%). Obviamente que a maior importância geográfica do *conuentus Emeritensis* contribuiu para tal preponderância, mas não explica tudo. A influência cultural de *Augusta Emerita* terá sido determinante, tanto mais que 19% do total dos testemunhos provém da capital.

2. As fórmulas

A utilização epigráfica da expressão *de suo* manifesta-se através da menção solitária dessa expressão, ou na sua associação a elementos habituais no formulário epigráfico, originando as seguintes fórmulas: *de suo fecit*, *de suo posuit*, *de suo dedit*, *de suo faciendum curauit*, *de suo ponendum curauit*⁶.

Em alguns casos, devido ao estado do suporte epigráfico, apenas se pode detectar a expressão *de suo*, ignorando-se a forma verbal que a acompanhava (IRCP 478: *de s. [.]*, ILER 5141: *d. s. [..?]*, por exemplo); essas ocorrências foram contabilizadas, no gráfico 3, sob a designação *d. s. [+ ?]*. Refira-se ainda a ocorrência de algumas fórmulas raras, agrupadas sob a designação *d. s. (+)*, no gráfico 3: *de suo [patrimon]io faciendum curauit* (HEp 6, 1037); *de suo addidit* (CIL II 2326); *d.s.d.d.* (EE IX, 252); *d.s.d. dedicauit* (CIL II 1569); *de suo dedicauit* (CIL II²/5, 838); *de suo ref(ecit)* (CIL II 4085); *[fec(erunt) d(e) ?] s(uo) peculio* (CIL II 6338 + HEp 2, 377) e *[d]e suo peculio* (CIL II²/7, 981).

Geralmente, as diversas fórmulas são mencionadas no final da inscrição, à excepção de alguns textos onde se registam diversos responsáveis pelos donativos ou despesas efectuadas (CIL II 2326 e

⁶ Registam-se testemunhos com variações no que respeita à posição do verbo (HEp 4, 156 — *p. d. s.*), à sua grafia (RIT 12 — *de suo faciendum coer.*; ILER 5021 - *d. s. f. q.*), ou à elisão de alguns elementos (Edmonson, 1993: 16-19, nº 4 — *d. <s.> f. c.*), por exemplo. No que respeita à fórmula *de suo ponendum curauit*, apenas tivemos em conta as ocorrências que, em princípio, não podiam ser confundidas, quando abreviadas ou em sigla, com a menção *de sua pecunia*.

AE 1983, 494, por exemplo). Em alguns casos, a fórmula surge imediatamente antes de uma outra fórmula final (CIL II 491: *d.s.f.c. h.s.e. s.t.t.l.*, CIL II 532: *d.s.f.c. h.s.e. s.t.t.l. [h.m.h.]n.s.*, por exemplo) ou apresenta outros elementos interpolados (por exemplo, CIL II 1542: *de suo monumentum fecit*). A maioria das fórmulas surge em sigla ou abreviada, sendo, no entanto, frequente a sua ocorrência (ou de alguns dos elementos) por extenso (CIL II 261: *de suo fecit*, CIL II 1017: *de suo f. c.*, por exemplo).

Quanto à frequência de utilização destas fórmulas (vide gráfico 3), *de suo faciendum curauit* é claramente a mais popular na *Hispania* (106 registos num total de 236), especialmente na Lusitânia (71x); nesta província é, aliás, maioritária nos três *conuentus*, com relevo para o *Emeritensis* e, em menor grau, para o *Scallabitanus*. Esta fórmula, igualmente maioritária na Tarraconense (26x), perde importância na Bética (9x), onde é suplantada por *de suo dedit* (14x) e por *de suo posuit* (10x).

No conjunto da *Hispania* destacam-se ainda duas fórmulas: *de suo fecit* (38x) e *de suo posuit* (36x), igualmente suplantadas por *de suo dedit* (20x), no que respeita à Bética. As restantes fórmulas situam-se abaixo dos 20 registos, sendo de notar a distribuição uniforme da fórmula *de suo* na *Hispania*, bem como a presença de *de suo ponendum curauit* exclusivamente na Lusitânia.

Em termos gerais, a fórmula mais abundante na Lusitânia é, pois, *de suo faciendum curauit*; nesta província salientam-se ainda *de suo posuit* (17x) e *de suo fecit* (13x). Na Tarraconense, *de suo faciendum curauit* (26x) e *de suo fecit* (17x) são as mais utilizadas. Na Bética, embora *de suo fecit*, *de suo posuit* e *de suo faciendum curauit* estejam bem representadas (8, 10 e 9 registos, respectivamente), *de suo dedit* é claramente a fórmula mais popular, sendo residual nas restantes províncias (Lusitânia: 4x; Tarraconense: 2x).

3. Âmbito de utilização

No que respeita ao âmbito de utilização das fórmulas analisadas, agrupamos as ocorrências em 5 contextos: funerário, votivo, honorífico, monumental, desconhecido (vide gráfico 4)⁷. O contexto funerário é o mais atestado na *Hispania* (177x), sendo maioritário em

⁷ No que respeita ao contexto monumental, incluímos as dedicatórias cuja tipologia ou cujo texto atestava o pagamento de um edifício (ou parte do mesmo), ainda que tal despesa se relacionasse com um recinto de culto.

todas as províncias (Lusitânia: 103x; Bética: 32x; Tarraconense: 42x). Os restantes contextos são residuais, com um certo destaque para as dedicatórias votivas (25x)⁸, face ao total de 34 registos para as restantes categorias: contexto honorífico (12x); contexto monumental (5 registos); contexto desconhecido (17x). Aliás, como se pode verificar no gráfico 4, nenhum dos restantes contextos ultrapassa os 10 registos em cada uma das províncias; refira-se ainda uma presença ligeiramente mais destacada das ocorrências em contexto votivo (10x) e monumental (4x) na Tarraconense.

O peso esmagador das ocorrências em contexto funerário é mais saliente na Lusitânia, onde a soma desses registos representa 85% do total da província⁹. Nesta província (vide gráfico 5), o contexto funerário é dominante nos três *conuentus*, especialmente no *conuentus Emeritensis* (83x). Saliente-se ainda, no *conuentus Emeritensis*, a presença de fórmulas em contexto votivo, com uma ocorrência solitária no *conuentus Pacensis* e não atestado no *conuentus Scallabitanus*. Estes dois últimos *conuentus* registam, no entanto, ocorrências em contexto honorífico e monumental, como seria de esperar em relação a fórmulas reveladoras de *impensa*.

Quanto à relação entre as fórmulas e o âmbito de utilização, verifica-se naturalmente uma preponderância do contexto funerário na maioria das fórmulas. Essa preponderância é particularmente saliente em duas fórmulas: *de suo faciendum curauit* apresenta 100 registos em contexto funerário, num total de 106¹⁰, contando com 3 em contexto monumental e 1 em contexto votivo, na Tarraconense, e 2 em contexto desconhecido, na Lusitânia¹¹; *de suo fecit* apresenta 30 em contexto funerário, 2 em contexto votivo e 1 em contexto monumental, documentando-se os restantes 5 registos em contexto desconhecido.

⁸ Relativamente à utilização da expressão *de suo* em contexto votivo, vide Iglesias Gil, 1993: 279-320, esp. 284, 311, 314-315.

⁹ As ocorrências em contexto funerário representam 62% do total provincial na Bética e 67% na Tarraconense.

¹⁰ Na Lusitânia, as ocorrências de *de suo faciendum curauit* em contexto funerário representam 67% do total provincial de ocorrências nesse contexto.

¹¹ Os dois testemunhos foram contabilizados entre os registos em contexto desconhecido, pois os seus textos são omissos no que respeita aos donativos envolvidos e não temos informações sobre o respectivo suporte; no entanto é provável que se reportem a actos de benemerência relativos a edifícios: num dos textos, assiste-se à intervenção de um particular a favor dos *uicanis Roud(ensibus?)* (HEp 2, 211); no outro, a actuação de um particular realiza-se com a intervenção de um *duunuir primus* (Alarcão, 1988: 68, 4/336).

O domínio do contexto funerário esbate-se um pouco nas restantes fórmulas: *de suo posuit* apresenta 22 registos em contexto funerário, 6 em contexto votivo, 5 em contexto honorífico e 3 em contexto desconhecido; *de suo* está presente em contexto funerário (9x), votivo (5x) e honorífico (1x); *de suo dedit* surge em contexto funerário (8x), votivo (6x) honorífico (3x) e desconhecido (3x). No que respeita às fórmulas mais raras (1 fórmula com 5 registos, 1 fórmula com 2 e 6 fórmulas com 1 cada), estão mais representados o contexto funerário (6x) e o votivo (4x). As fórmulas incompletas, agrupadas sob a designação *de suo [+ ?]* ocorrem em contexto funerário (2x), votivo (1x), honorífico (1x) e desconhecido (4x).

4. A distribuição geográfica

Na Lusitânia, a maioria das ocorrências da expressão *de suo* verifica-se, como vimos, no *conuentus Emeritensis*¹². A zona do *conuentus* situada a Norte do rio Tejo é menos prolífera em ocorrências (31 registos), que se verificam sobretudo na área mais próxima do Tejo: *Ciuitas Igaeditanorum* — 7 registos (2 no *territorium*); *Tapori* — 4 (2 no *territorium*)¹³; *Lancienses* - 1; *Caurium* — 1 (no *territorium*); *Capera* — 9 (2 no *territorium*); *Caesarobriga* — 7; *Avela* — 2. Nesta área destacam-se pois *Capera* e *Caesarobriga*. No entanto, saliente-se a popularidade da expressão *de suo* na *Ciuitas Igaeditanorum* e na vizinha *Ciuitas* dos *Tapori*, quer em contexto urbano, quer em contexto rural; aliás, metade das dedicatórias votivas do *conuentus* com a expressão *de suo* localiza-se nesta zona¹⁴. Por outro lado, verifica-se um vazio de ocorrências no extremo norte do *conuentus*.

A zona a Sul do rio Tejo apresenta um volume apreciável de registos (64x), 45% dos quais são relativos a Mérida e seu território:

¹² Em relação ao território da *Lusitania*, tivemos em conta Alarcão *et alii*, 1990: 319-329; Ramírez Sádaba, 1994b: 345-353. Para o *territorium* emeritense, vide Ramírez Sádaba, 1994a: 131-133. Quanto a *Turgalium*, vide Cerrillo *et alii*, 1990: 56-58, 64 e figs. 3 e 8; Gorges, 1990: 97-99; Ariño / Gurt, 1994: 58-59; Ramírez Sádaba, 1994a: 131-132.

¹³ Para a localização dos *Tapori* e da sua capital, vide Alarcão, 1990: 29; Ferreira, 2000: 157-163. Quanto aos *Lancienses* (*Ocelenses*) e à localização provável da sua capital no Teixoso (Covilhã) ou na sua proximidade, vide Alarcão, 1990: 28-29; Alarcão / Imperial, 1996: 39-43, esp. 41; Ferreira, 2000: 160-161.

¹⁴ Note-se a existência de relações estreitas entre a *Ciuitas Igaeditanorum* e a capital provincial (vide Mantas, 1988: 421-422), que poderá explicar a adopção deste tipo de formulários.

Augusta Emerita — 29 (6 do *territorium*); *Metellinum* — 4, oriundos do *territorium*; *Ammaia* — 1, do *territorium*; *Norba* — 7 (5 do *territorium*); *Turgalium* — 19 (15 do *territorium*); *Augustobriga* — 4 (2 do *territorium*).

No *conuentus Scallabitanus*, a maioria das ocorrências situa-se no *municipium* olisiponense (13x), particularmente na área rural (10x); mais a norte, na faixa litoral, regista-se um testemunho isolado em *Collippo*, dois em *Conimbriga* (1 do *territorium*) e três na vizinha *Aeminium*. O *conuentus Pacensis* regista ocorrências solitárias no *territorium* de *Balsa*, no couto mineiro de *Vipasca*, em *Pax Iulia* e seu *territorium* e três em *Ebora*, duas das quais da zona rural, na área confinante com o *territorium* emeritense.

Verifica-se assim que, na *Lusitania*, os testemunhos apresentam maior densidade na capital provincial e no *territorium* de uma das suas *praefecturae*, assumindo as ocorrências olisiponenses especial relevo na zona litoral.

Na Bética, *Corduba* regista a maior concentração de testemunhos (11x), seguindo-se *Iulipa* e o seu *territorium* (9x). Recorde-se que *Iulipa* se situa próximo do *territorium* emeritense, tendo certamente recebido influências da capital da *Lusitania*, tal como outros municípios béticos limítrofes (cf. Saquete Chamizo, 1997: 67-72), que apresentam igualmente registos de *de suo*.

Na Tarraconense, a maior concentração de testemunhos provém de *Tarraco* (7x). Salientam-se igualmente *Bracara Augusta* (5, sendo um deles oriundo da zona rural) e *Aquae Flaviae* (6, quatro dos quais do *territorium*); destaca-se ainda *Barcino*, com três testemunhos da fórmula *de suo fecit*. Note-se, em *Asturica Augusta*, a presença da fórmula *de suo faciendum curavit* num epitáfio que documenta uma família oriunda da *Lusitania* (vide García Martínez / Le Roux, 1996: 59-67).

De um modo geral, e em termos puramente quantitativos, não existe uma clivagem acentuada entre ocorrências urbanas e ocorrências rurais, já que aquelas atingem cerca de 53% do total (*Lusitânia*: 52%; Bética: 56%; Tarraconense: 54%)¹⁵. Por outro lado, à exceção de *Corduba*, só o território da *Lusitania* apresenta núcleos com mais de uma dezena de registos, verificando-se uma certa dispersão de testemunhos na Bética e na Tarraconense; nesta

¹⁵ Note-se, aliás, que parte considerável das dedicatórias rurais refere-se a magistrados municipais ou seus familiares, estrato social claramente adepto (e difusor) das «modas» veiculadas nos centros urbanos.

perspectiva, o núcleo de testemunhos do território olisiponense continua a destacar-se, mesmo a nível peninsular.

Finalmente, verifica-se que, em cada *prouincia*, a maior concentração de testemunhos de *de suo* provém da capital provincial. Tal facto explica-se certamente pelo carácter de *specula urbis* que *Augusta Emerita*, *Corduba* e *Tarraco* assumiram face às regiões que encabeçavam e, naturalmente, influenciavam¹⁶.

5. Tipologia dos monumentos epigráficos

Em termos peninsulares¹⁷, a maioria das dedicatórias analisadas foi gravada em estelas. As placas também ocorrem em quantidade apreciável, com um certo relevo na Lusitânia e na Bética. Obviamente que tal preponderância se deve ao grande peso do contexto funerário na utilização das fórmulas analisadas. Embora em menor quantidade, destacam-se ainda dedicatórias em aras, cupas e pedestais, tendo os restantes tipos de suporte um carácter residual. No entanto, é necessário ter em conta que a simples constatação da superioridade numérica das estelas e das placas é insuficiente, pois esconde uma certa diversidade tipológica, cultural e económica. Analisemos pois alguns exemplos da *Lusitania*, com particular relevo para a faixa ocidental do território¹⁸.

No início dos anos 80, Cardim Ribeiro, a propósito de CIL II 260, analisou as fórmulas com a expressão *de suo* na epigrafia do território de *Olisipo* (Ribeiro, 1982-1983: 272-276); constatando que quase todas (*d.s.f.c.*, *d.s.f.*, *d.s.p.*) se documentavam em contexto funerário; apenas uma ocorrência (CIL II 260: *d.s.f.*) se reportava a um monumento (um fontanário), num ambiente de pública benemerência e ostentação. Em termos tipológicos, as dedicatórias apresentam uma certa variedade. As inscrições oriundas da zona urbana perderam-se (CIL II 193, 212, 214; cf. EO: 129-130; 135-136; 184-185), tal como um epitáfio da área de Cascais (RERC 19), estando tais dedicatórias relacionadas com famílias importantes da urbe. Subsistem ainda as

¹⁶ Vide Edmonson, 1993: 9-49, esp. 48-49, que cunhou a expressão «*specula Urbis Romae*», a propósito da influência cultural protagonizada pelas capitais provinciais da *Hispania* no processo de romanização, particularmente no âmbito da cultura epigráfica.

¹⁷ Vide n.4.

¹⁸ Para uma análise mais pormenorizada dos testemunhos do *conuentus Scallabitanus*, nomeadamente no que se refere ao contexto social e arqueológico das dedicatórias, vide Fernandes, 1998-1999: 170-176.

restantes inscrições encontradas na zona rural do *territorium* olisiponense.

Na área de Sintra, em Armês, uma laje de mármore local¹⁹ que cobre um antigo depósito fontanário (igualmente de mármore), ostenta a seguinte inscrição (CIL II 260 = Ribeiro, 1982-1983, nº 1; fig.1): *L(ucius). Iulius . Maelo . Caudic(us) . flam(en) diui . Aug(usti) d(e) s(uo) f(ecit)*. O contexto envolvente permite considerar que se trata da dádiva de um fontanário, efectuada por um *flamen* (na 1ª metade do século I d. C.), não sendo tal monumento alheio a uma função ritual no âmbito do culto imperial, para além da sua função utilitária (vide Ribeiro, 1982-1983: 166-173 e 183-188).

Os restantes testemunhos da região sintrense, documentados em locais onde terão existido *uillae* e, provavelmente, um *uicus*²⁰, são de âmbito funerário, registando a fórmula *de suo faciendum curauit*; esta fórmula está documentada em quase todas as áreas do *territorium* olisiponense (cf. Ribeiro, 1974-1977: 299 e n.180). Em Faião, um bloco paralelepípedo de mármore (fig.2) testemunha que, durante o reinado de Nero, um magistrado municipal e sacerdote do culto imperial, terá mandado construir em vida um pequeno mausoléu (Ribeiro, 1974-1977, nº3)²¹. Em Almarjão (S. Miguel de Odrinhas), o epitáfio de *Iulia C. f. Tonceta* foi colocado pela mãe, *Cassia Boutia* (MASMO 118); *G. Terentius Celer* e *Decia Ulana*, a mãe, mandaram fazer o epitáfio de *Q. Terentius L. f. Gal. Tanginus*, um monumento encontrado em S. Miguel de Odrinhas (HAE 1614 = Cardozo, 1958, nº 1; fig.3); no Faião, *Terentia Amoena*, tratou do epitáfio da sua filha, *Atilia L. f. Auita* (MASMO²²). As três dedicatórias, que registam gente de origem indígena (a julgar pelos *cognomina* documentados), foram gravadas em monumentais estelas de mármore local, de topo arredondado, sem delimitação do campo epigráfico.

Estas grandes estelas inserem-se num modelo particularmente bem documentado na zona oeste do território olisiponense (Ribeiro,

¹⁹ Os calcários orgânicos da região sintrense, utilizados na produção dos monumentos epigráficos da zona oeste do território olisiponense, são habitualmente designados como mármore de Pero Pinheiro (Ribeiro *et alii*, 1986: 35).

²⁰ No Faião terá existido um *uicus*, tendo em conta os vestígios epigráficos e arqueológicos aí detectados (Ribeiro, 1982-1983: 160-161).

²¹ O bloco faria parte dum mausoléu do tipo «torre funerária» (com paralelos em Óstia), de acordo com a proposta de Cardim Ribeiro (Ribeiro, 1974-1977: 288-302, est. XI; *idem*, 1982-1983: 446-449, n. 81 e fig. 104, com actualização da proposta inicial), extensível a outros monumentos sintrenses (Ribeiro, 1974-1977: 294; *idem*, 1982-1983: 333-339 e fig. 73).

²² Trata-se de uma inscrição inédita, tal como MASMO 118 (vide Fernandes, 1998-1999: 173, n. 127 e 129).

1982-1983: 164). Embora tal gigantismo das formas (algumas das estelas ultrapassam os 2 m. de altura) não abunde nas restantes áreas do município de *Olisipo*, conhecem-se diversos exemplos (alguns fragmentados), nomeadamente duas estelas de mármore, na área de Cascais (RERC 15 e 18, séc. I d. C.) e uma estela de calcário, oriunda do concelho de Oeiras (FE 49, 222, inícios do séc. I d. C.), entre outros (Ribeiro, 1982-1983: 164-165)²³; o epitáfio de Oeiras configura uma variante pouco documentada no território, já que apresenta, no topo, uma cartela (obtida por rebaixamento) de duas nervuras paralelas às faces da estela, com uma rosácea de nove pétalas no seu interior²⁴.

O tipo de estelas a que nos referimos segue modelos itálicos, num processo similar ao que ocorreu, por exemplo, em diversas áreas da Bética, onde se registam igualmente estelas de topo arredondado com proporções gigantescas, desde a época augustana (vide Stylow, 1995: 226-227). Entre outros paralelos itálicos para as estelas olisiponenses de maior porte, atente-se em diversas estelas de Ateste, algumas das quais mencionam apenas as medidas do *locus sepulturae* (Bassignano, 1997, nº 57, nº 237 e, esp., nº 236). Tais paralelismos tipológicos, bem como a datação alta atribuível às estelas olisiponenses, sugere que estas representam uma componente das primeiras culturas epigráficas do território olisiponense, tão popular entre os imigrantes itálicos como entre a população local, a julgar pela onomástica documentada nos epitáfios (vide Encarnação, 1995: 262).

Igualmente na região de *Olisipo*, regista-se um bloco de mármore (fig. 4) reutilizado numa casa de Murches, concelho de Cascais (RERC 23; século I), que contém apenas a parte final dum texto: [...] / [ar]am. d(e). suo f. c.; o bloco faria certamente parte de um imponente monumento funerário²⁵.

²³ Cardim Ribeiro sugeriu, como pista de investigação, a possibilidade da ligação destas estelas a «construções funerárias de avultadas dimensões», embora não ostentem as dimensões da área ocupada pelo sepulcro, como acontece frequentemente nos exemplares itálicos (Ribeiro, 1974-1977: 296).

²⁴ A região sintrense forneceu um exemplar com decoração idêntica (ainda inédito), exposto na secção epigráfica do renovado Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra); José-A. Abásolo refere uma estela semelhante, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (Abásolo, 1994: 73 e est. V, 1).

²⁵ Vide RERC: 62-63, a propósito da tipologia do monumento, provavelmente uma ara funerária, composta por vários blocos sobrepostos.

Finalmente, refiram-se mais alguns epitáfios olisiponenses, da região de Torres Vedras, que apresentam uma certa variedade tipológica.

Uma grande placa de calcário lioz (fig.5)²⁶, oriunda da Serra de S. Julião (Carvoeira, Torres Vedras), onde teria existido uma *uilla*, documenta o monumento funerário de *Q. Caecilius Q. f. Gal. Caecilianus, aedilis*, e do seu filho, *M. Caecilius Q. f. Gal. Auitus*, realizado a expensas (*de suo fecit*) de *Iulia M. f. Marcella*, esposa do magistrado (CIL II 261; meados do séc. II d. C.).

Em S. Gião (Torres Vedras), no provável local de implantação de uma *uilla*, uma jovem indígena, *Iulia L. f. Amoena*, foi memorada numa cupa de calcário lioz (fig.6), paga pela mãe (Mantas, 1982, n.º 1: *de suo f.*; séc. I/II)²⁷. Num cipo de calcário lioz, afectado pela sua reutilização e oriundo da mesma área, recorda-se igualmente *L. Anicius Optatus*, um provável liberto, cujo epitáfio ficou a cargo (*d. s. f. c.*) de *Attius Montanus* (CIL II 269; séc. II)²⁸.

De um modo geral, no território olisiponense verifica-se uma certa variedade tipológica, com relevo para modelos itálicos. Apesar da relativa modéstia de alguns monumentos, como a cupa e o cipo de S. Gião, nota-se a presença de estelas imponentes e o gosto por monumentos funerários dispendiosos, como demonstram a placa da Serra de S. Julião e os blocos de Faião e de Murches.

No restante território do *conuentus Scallabitanus*, os testemunhos escasseiam, distribuindo-se numa faixa litoral entre *Collippo* e o rio Mondego. Em *Collippo* regista-se uma homenagem fúnebre de *M. Gurtius* (sic) *Quir. Cassianus, omnibus honoribus in republica collip. functo*, a cargo do pai e de um sobrinho; a inscrição foi gravada num bloco de calcário, certamente utilizado como pedestal duma estátua honorífica (ERC 3: *p. d. s. curauerunt*). Em *Conimbriga*, foi encontrada uma cupa de calcário com a memória fúnebre de *P. Aelius Ianuarius, Augustor(um) libertus*, realizada a expensas da esposa, *Ti.*

²⁶ Embora o monumento tenha sido, inicialmente, considerado uma tampa de arca cinerária (Mantas, 1982: 71), parece tratar-se efectivamente de uma monumental placa, afectada pela sua reutilização (Ribeiro, 1982-1983: 360).

²⁷ O monumento insere-se num tipo bem documentado no território olisiponense e em *Augusta Emerita* (Mantas, 1982: 13-14). Refira-se a posição de Cardim Ribeiro, que considera mais correcta a designação «cipo de secção arciforme» no que respeita aos testemunhos estremenhos deste tipo de monumentos, distinguindo-os das cupas presentes noutras regiões peninsulares (Ribeiro, 1974-1977: 306-308, n. 34); para uma opinião diversa, vide RERC: 73-74.

²⁸ Afectado por diversas reutilizações, o monumento não apresenta actualmente as fórmulas finais do epitáfio (*d. s. f. c.*; *h. s. e.*), claramente atestadas por autores anteriores ao século XX (vide Mantas, 1982: 22-23, n.º 3 e foto 4).

Claudia Cale, e do filho, *P. Aelius Ephesius* (FC II 26: *d. s. f. c.*; cerca de 130 d. C.). Próximo de *Conimbriga*, em Soure, um fragmento de mármore, detectado na muralha do castelo, ostenta um baixo-relevo com uma cena de caça e uma inscrição incompleta; esta refere a edificação de um túmulo em mármore, com a respectiva decoração, a expensas próprias, tendo-se perdido o nome do dedicante (HEp 6, 1037 = Encarnação, 1993: 253-255 — *de suo [patrimon]io faciendum curauit*; inícios do séc. III). Alguns fragmentos de placas funerárias de calcário, identificados recentemente no Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) poderão ser atribuídos à vizinha *Aeminium* (HEp 5, 996: *d. s. f. [c.]*; HEp 5, 997: *[de] suo pos.*; Fernandes, 1998-1999: 175, n. 152: *de s[...]*)²⁹.

No *conuentus Pacensis* verifica-se uma dispersão dos achados. No couto mineiro de *Vipasca* (Aljustrel), os colonos homenagearam *Beryllus Aug. lib., proc(urator), ratio[nali]um uicar(ius) e restitutor metallo[r]um*, erigindo-lhe uma *statua cum basi*, da qual apenas restou o pedestal de ruivina (IRCP 121: *de suo posuerunt*; 173 d. C.). Em *Pax Iulia* regista-se mais uma inscrição honorífica, aparentemente realizada por um escravo ao seu amo, um *aedilis*; actualmente não é possível determinar se a inscrição estava gravada numa placa ou num pedestal (IRCP 237: *d. s.*; séc. I). No seu *territorium* foi encontrada uma árula de mármore, dedicada aos Lares (FE 62, 280: *d. s. [...]*; séc. I/II). As restantes dedicatórias são de âmbito funerário e foram gravadas em placas molduradas de mármore³⁰: na Herdade do Freire (Vila Viçosa), um dedicante anónimo memora os seus dois filhos, *L. Aurelius L. f. Flaus* e *P. Aurelius Niger* (IRCP 445: *d. s. p. c.*; séc. I); na região de Évora, *Calpurnia Chelido* tratou do epitáfio da sua irmãzinha, liberta de *Calpurnia* (HEp 5, 1020: *d. s. f. c.*; séc. III); na área de Castro de Marim (fig.7), *Vibius Proculus* e *Tuscilla*, sua esposa, memoram *Quintia Palustri f.*, erigindo-lhe uma *statua* a expensas próprias (IRCP 92: *d. s. p.*; séc. I).

Assim, no *conuentus Pacensis*, os raros testemunhos de *de suo* registam-se em homenagens públicas e, maioritariamente, em dedicatórias funerárias, materializadas em pedestais de estátuas e em placas certamente pertencentes a mausoléus familiares; o mármore, abundante no *conuentus*, é dominante neste conjunto. Os dedicantes

²⁹ A hipótese de que algumas das peças possam ser oriundas das escavações de *Conimbriga* é igualmente possível, já que não há registo da origem das peças e o museu foi, durante algum tempo, depósito de materiais arqueológicos de *Conimbriga* (Carvalho, 1993: 1 e n. 3-6).

³⁰ Perto da Juromenha (Alandroal), um fragmento de mármore poderá ter pertencido a uma placa funerária (IRCP 478: *de s. [f.?)*).

situam-se num contexto essencialmente latino, destacando-se alguns libertos.

No *conuentus Emeritensis*, para além da capital provincial, parece-nos interessante analisar a zona abrangida pela *Ciuitas Igaeditanorum* e pelos *Tapori*, pela sua especificidade.

No que respeita à *Ciuitas Igaeditanorum* e aos *Tapori*, territórios integrados no actual distrito de Castelo Branco, já em 1991 se chamava a atenção para a ocorrência da expressão *de suo* em monumentos desta região (Carvalho / Encarnação, 1991a, n. 4; 1991b), maioritariamente esculpidos em granito.

Na área dos *Tapori* surgem duas dedicatórias votivas (FE 39, 177: *de suo*; RAP 209: *d. s. d.*) e duas funerárias (Garcia, 1984, nº 26: *d. s. f. c.*; FE 39, 176: *de suo f. c.*). Os monumentos, datáveis do século I d. C., inserem-se num contexto claramente indígena. Em duas aras de granito registam-se votos a *Bane(?)* e a *Iuno Linteaica*, sendo esta última dedicada por *Talauius Caburi f.*. Por sua vez, os epitáfios foram gravados em blocos paralelepípedicos moldurados. Os dedicantes dos dois epitáfios (*Sunua Pisiri f.*; *Modestus*) e os respectivos defuntos (*Cilia Lubaeci + Sunua Elaii*; *Rufinus Callaeci f. + Camala Polli*) são identificados segundo os hábitos indígenas e apresentam nomes tipicamente indígenas ou nomes latinos habituais em tais contextos (*Modestus*; *Rufinus*).

A *Ciuitas Igaeditanorum* regista 4 dedicatórias funerárias, uma das quais documentada no *ager*, tal como a única dedicatória votiva³¹. O suporte dos epitáfios urbanos (Almeida, 1956, nº 62 — *d. s. p. curauerunt*, 128 — *d. s. f. c.*; Garcia, 1984, nº 38 — *d. s. f. c.*³²) corresponde ao tipo mais comum na *ciuitas*, ou seja, o bloco paralelepípedico moldurado, igualmente presente no território dos *Tapori*. O desgaste do suporte de alguns dos testemunhos não permite conhecer a identificação de todos os dedicantes e defuntos mas, nos casos em que tal é possível, a estrutura onomástica dá-nos a conhecer *peregrini* (*[A]rantonius [T]urani + Tancin[us] Flauini*), bem como libertos e seus descendentes (*Accia Emerita*, *Cassia Chresumi f.*

³¹ Na capital da *ciuitas*, registam-se ainda os fragmentos da zona inferior de dois monumentos, que contêm apenas o final da inscrição (Almeida, 1956, nº 167 — *d. s. f.*; nº 172 — *d. s. d.*), um dos quais (nº 167) apresenta medidas que permitem supôr um bloco paralelepípedico.

³² Este último monumento, de proveniência desconhecida, está depositado no Museu Tavares Proença Júnior, sendo provavelmente oriundo da *Ciuitas Igaeditanorum* (Garcia, 1984: 123); na l. 1 julgamos poder restituir o antropónimo *[C]utaeca* (e não *[...]uiaeca*), igualmente documentado na *ciuitas* (Almeida, 1956, nº 88: *L. Iulius Cutaecus*).

Maurilla, Curia Chresumi f. Vitalis + Chresumus et Amoena Longini lib.; [C]utaeca Bouiae lib.); a onomástica remete-nos para um ambiente indígena bem documentado nesta urbe, onde os antropónimos latinos e gregos se mesclam frequentemente com uma estrutura nominal de tipo indígena, nomeadamente entre os libertos (vide Encarnação, 1996: 16).

No *ager* da *Ciuitas Igaeditanorum*, em Alcafozes (Idanha-a-Nova) regista-se o epitáfio de *Ama[enius?] Touto[ni f.]* e de *Cama[la] Auell[i f.]*, colocado pelo filho *Auitus* (Almeida, 1956, nº 128 — *d. s. f. [c.]*) e gravado numa das poucas estelas de granito documentadas na região. Em Cabeço dos Tiros (Idanha-a-Nova), uma ara monumental de granito regista um voto a *Trebaronna*, colocado por *G. Fron(tonius) Camal(us)*, provavelmente em nome de *Prota Tangini f.* (RAP 195 — *d. s. p.*). Deparamo-nos novamente com dedicatórias em contexto nitidamente indígena, apesar do formulário latinizado.

Como vimos, na área dos *Tapori* e da *Ciuitas Igaeditanorum*, a maioria dos epitáfios com a expressão *de suo* foi gravada em blocos paralelepípedicos de granito, usualmente moldurados. Tais blocos, característicos da epigrafia da Beira Interior, estariam certamente inseridos em monumentos funerários com alguma imponência (vide Encarnação, 1995: 262-263 e fig.8). Recentes estudos permitem pensar que os monumentos funerários em causa poderiam ser mausoléus em forma de ara, encimados por *puluini* decorados (Beltrán Fortes / Baena Del Alcázar, 1996: 105-132, esp. fig. 2). Efectivamente, a presença de *puluini* monumentais de granito em *Augusta Emerita* e na *Ciuitas Igaeditanorum*, com tipologia e decoração similares, sugere a existência desse tipo de monumento nessas urbes; infelizmente, os *puluini* detectados carecem de contexto arqueológico e cronológico, devido à sua reutilização, pelo que a sua relação com os blocos epigrafados acima referidos, embora plausível face aos paralelos conhecidos, carece de confirmação³³. Relativamente à difusão de monumentos funerários com *puluini* na *Lusitania*, a influência da capital provincial fez-se sentir não só na *Ciuitas Igaeditanorum*, mas também no vizinho território de *Iulipa*, na Bética, e provavelmente em *Turgalium* (vide Beltrán Fortes / Baena Del Alcázar, 1996: 115-116). De qualquer modo, trata-se de um tipo de monumentos com paralelos hispânicos (com destaque para a

³³ Foi sugerida uma datação alta para os *puluini* em questão, a partir dos paralelos da produção epigráfica emeritense, embora não se possa rejeitar um arco cronológico abrangendo o século I, pelo menos (cf. Beltrán Fortes / Baena Del Alcázar, 1996: 111-113).

Catalunha), que corresponde a conhecidos modelos itálicos, embora os exemplares lusitanos apresentem dimensões mais reduzidas (Beltrán Fortes / Baena Del Alcázar, 1996: 113-114).

Quanto a *Augusta Emerita*, a expressão *de suo* surge com frequência em placas molduradas de mármore, que assinalariam mausoléus com certa imponência (AE 1983, 494; EE VIII, 49; ILER 5807b; HEp 5, 104; HEp 7, 122). Está igualmente presente em estelas de granito (HEp 6, 114; 117) e de mármore (CIL II 5269; ILER 5036), documentando-se também em aras (ILER 5512, por exemplo). Quanto ao *territorium* emeritense, destacam-se novamente as placas de mármore (CIL II 1016; 5212), registando-se ainda uma estela de granito (EE IX, 165 = *Salas Martín et alii*, 1997, nº 8 e lám. VIII), uma árula de mármore (AE 1990, 485) e uma estela de mármore (HEp 4, 190 = Edmonson, 1993, nº 10). Os epitáfios referidos, datáveis entre a 1ª metade do século I e o século II, documentam maioritariamente *ingenui* e *liberti*, sendo predominante a onomástica latina, nomeadamente gentílios como *Orbius* e *Varius*.

Os estudos tipológicos sobre a epigrafia funerária de Mérida têm permitido identificar diversos tipos de estelas emeritenses, com âmbitos culturais e cronológicos bem definidos (vide Nogales Basarrate, 1994: 203-210). No que respeita às estelas de granito, a expressão *de suo* ocorre em estelas com topo semicircular em relevo (mantendo o fundo rectangular), sem decoração e com orifícios laterais para colocação numa estrutura; trata-se de estelas relacionadas com modelos itálicos, bem ao gosto dos primeiros colonos de Mérida (Nogales Basarrate, 1994: 204-206; Ramírez Sádaba, 1994-95: 258-259). A expressão *de suo* está também presente em estelas de mármore, igualmente de modelo itálico, que poderão, face às suas características (altura monumental, espessura diminuta, encaixes laterais), ter estado encaixadas numa construção funerária mais complexa (Nogales Basarrate, 1994: 207-208). Tais estelas constituem um grupo unitário, caracterizado por monumentos de estrutura rectangular, com remate superior interno em semicírculo e flores tetrapétalas em relevo nos ângulos superiores; imediatamente abaixo do remate, encontra-se o campo epigráfico, delimitado por uma cartela quadrangular (Nogales Basarrate, 1994: 207-208). O modelar estudo efectuado por J. Edmonson, mostrou que este conjunto emeritense possui paralelos em exemplares da Península Itálica, bem como paralelos peninsulares, especialmente em *Tarraco* e *Corduba* (Edmonson, 1993: 9-49, esp. 41-49). Por outro lado, a presença de uma estela similar, de granito, na área de Abertura (Cáceres), situada

nas proximidades dos limites do *territorium* de *Emerita*, oferece um claro exemplo da influência dos modelos artísticos da capital provincial em zonas rurais (cf. Edmonson, 1993: 48; Edmonson, 1994: 135-137, esp. 136; Salas Martín / Rosco Madruga, 1991-92: 138-141, nº 1 e lám. 15.1 – *d. s. f. c.*).

Nem sempre foi possível determinar a tipologia dos suportes epigráficos no conjunto dos testemunhos recenseados a nível peninsular. Parte dos monumentos estava demasiado fragmentada, o contexto arqueológico é frequentemente desconhecido, faltam descrições pormenorizadas e fotografias em alguns das notícias de achados epigráficos e *corpora* consultados; por vezes o desaparecimento dos próprios monumentos, de que apenas conhecemos o respectivo texto, impede o conhecimento da sua tipologia.

De qualquer modo, os exemplos analisados e a predominância de dedicatórias funerárias sugere que a maioria dos donativos se referia ao epitáfio e/ou ao túmulo. Por outro lado, na *Lusitania* constatou-se que a tipologia dos suportes corresponde maioritariamente a modelos itálicos, ainda que pontualmente adaptados aos materiais ou tradições locais.

6. A menção dos donativos

A esmagadora maioria das inscrições analisadas não menciona expressamente o donativo. Como vimos, a análise tipológica das dedicatórias, bem como o seu contexto arqueológico, permite a percepção, embora parcial, do tipo de despesas indicadas pela expressão *de suo*. Todavia, a análise das poucas inscrições que referem o donativo (vide quadro I) pode esclarecer melhor o âmbito dessa utilização.

Das 22 inscrições consideradas (Lusitânia: 10; Bética: 8; Tarraconense: 4), 11 situam-se em contexto funerário, 6 em contexto votivo, 3 em contexto monumental e, finalmente, 2 em contexto honorífico. Verifica-se, de novo, a preponderância das dedicatórias em contexto funerário, particularmente na Lusitânia.

Os donativos em contexto funerário correspondem maioritariamente ao túmulo e/ou ao epitáfio: *maesolium* (1 registo), *monimentum* (2x), *[tumul?]u suo cum marmori[bus e]t laquiaribus* (1x), *aram* (1x), *t(itulum)* (1x), *cippum* (1x), *cipum et sepulturam*

(1x)³⁴; documenta-se ainda a dádiva da *statua* dos defuntos (2x), bem como a realização de um banquete público (*de suo dato epulo*). Os donativos em contexto votivo referem-se sobretudo a ex-votos — *aram* (2x), *basis* (1x), *m(onumentum)* (1x) —, embora se mencione uma dádiva de jóias para uma estátua de *Venus Aug(usta)* (*annulum aureum, gemma melliore*), bem como um donativo adicional de um *heres* para a colocação de uma estátua dedicada ao Génio municipal de *Nescania* (*adiectis de suo ad impensas operis HS C n(umum)*). Note-se que, dos três donativos de âmbito monumental, dois são relativos a edifícios de culto (*exedriam cum basi; exhedra cum fronti templi*), referindo-se o terceiro a uma ponte (*pontem lapideum*). Os donativos em contexto honorífico reportam-se, naturalmente, à estatuária: *statua cum basi* (1x); *imag(inem)* (1x).

Embora as inscrições acima referidas mencionem donativos bastante avultados (estátuas, banquetes, decorações, edifícios, mausoléus), com utilização preferencial do mármore (HEp 6, 1049 = RERC 23; HEp 6, 1037; IRCP 92; HEp 7, 122; CIL II 1437), uma parte substancial documenta donativos relativamente modestos, quer em contexto funerário (*titulum, cippum, cipum et sepulturam*), quer em contexto votivo (*aram, monumentum*), registados em estelas de calcário (HEp 2, 375) ou em aras de granito (RAP 195; EE IX, 252).

Assinalem-se ainda dois epitáfios de *Augusta Emerita* (não incluídas no quadro I) que registam as dimensões do espaço funerário (HEp 6, 114; ILER 5807b)³⁵, sendo admissível que a fórmula *de suo faciendum curauit*, utilizada em ambos os casos, se refira não só ao epitáfio, mas também ao *locus sepulturae*. As medidas citadas nas duas inscrições (12 pés *in fronte* e 9 pés *in agro*), são das mais comuns na capital emeritense (cf. Rodríguez Neila, 1991: 80; HEp 6, 111, 116, 120, 124). A área dos dois sepulcros, relativamente modesta (9,72m²), situa-se entre as mais documentadas na *Hispania* (Rodríguez Neila, 1991: 74-77).

³⁴ Algumas inscrições incompletas poderão conter outras menções semelhantes; refira-se, por exemplo, na Lusitânia: CPILC 459: *de suo c(ippum?) f(aciendum) c(urauit)*; Bética — HEp 5, 863: *t(itulum?) fa(ciendum) q(urauit) de <s(uo)>*.

³⁵ Um dos epitáfios, uma estela de granito colocada por *P. Orbius Restitutus* à sua irmã, *Orbia Restituta*, refere as seguintes medidas: *in f(ron)te p(edes) XII, in a(gro) p(edes) IX* (HEp 6, 114 = Ramírez Sádaba, 1994-95, n.º 9; 2.ª m. séc. I); o outro, gravado numa placa de mármore e dedicado por *C. Iulius Felix Teucris l.*, memora *Candilia C. l. Iucunda*, registando as medidas: *in agr(o) p(edes) VIII in fr(onte) p(edes) XII* (ILER 5807b + Jiménez Losa, 1997: 756-757; séc. III).

7. Os dedicantes

De modo a entendermos melhor o âmbito sócio-cultural e as motivações para a utilização epigráfica da expressão *de suo*, parece-nos importante um estudo dos dedicantes, ainda que provisório e prospectivo, nesta fase da investigação. A análise centrou-se essencialmente nos testemunhos da *Lusitania*, sendo focalizada em três componentes: estatuto social, sexo e parentesco / relação jurídica dos dedicantes.

No *conuentus Scallabitanus*, a maioria dos dedicantes pertence ao escol local e regional: em *Olisipo* e seu território registam-se dedicatórias protagonizadas por descendentes de colonos itálicos e de indígenas romanizados, muitos relacionados com a *ordo decurionum*; a propriedade fundiária e a comercialização da sua produção (cereais, azeite e vinho), nomeadamente por via marítima, bem como a exploração das pedreiras locais, terão sido as principais fontes de rendimentos desses notáveis (vide Fernandes, 1998-1999: 174). Relativamente aos mais humildes, refira-se a presença de dedicantes oriundos dos estratos indígenas romanizados e um provável liberto. Nos restantes casos do *conuentus*, verificou-se a presença da esposa de um liberto imperial e do seu filho (FC II 26), a homenagem fúnebre de parentes de um magistrado municipal (ERC 3) e, muito provavelmente, a ostentação de um rico proprietário rural (HEp 6, 1037).

No *conuentus Pacensis*, os testemunhos situam-se maioritariamente em contexto libertino (IRCP 121; HEp 5, 1020) ou mesmo servil (IRCP 237).

Quanto ao *conuentus Emeritensis*, predominam os *ingenui* e os libertos, particularmente em Mérida; diversos indivíduos são enquadráveis entre os *incerti*, registando-se ainda alguns *serui*³⁶. Assinale-se a presença de indivíduos com onomástica indígena e alguns militares; alguns dos *ingenui* deverão ser colonos itálicos.

Quanto ao sexo dos dedicantes, a *Lusitania* apresenta características peculiares no âmbito da intervenção feminina em dedicatórias funerárias. Em 1994, José d'Encarnação chamou a atenção para a preponderância feminina nos dedicantes desse grupo, no território olisiponense (RERC: 56 e n. 1-2, 75). Efectivamente, como pudemos comprovar em 1996, a mulher detém uma posição de destaque na comemoração dos defuntos na Lusitânia Ocidental (vide

³⁶ Relativamente à presença da expressão *de suo* na epigrafia de Mérida, em contexto servil e libertino, vide Ramírez Sádaba, 1990: 300, 301, 305, 306 e 308.

Fernandes, 1998-1999: 160-164). Tal destaque estende-se às dedicatórias com a expressão *de suo* na *prouincia Lusitania*. Efectivamente, as mulheres excedem ligeiramente os homens nas dedicatórias funerárias (55/54), especialmente as mães, filhas e esposas; entre os dedicantes masculinos, apesar de algum relevo para o marido, destacam-se mais os filhos. Contabilizando todos os tipos de dedicatórias com a expressão *de suo* inverte-se a tendência, com uma ligeira preponderância dos dedicantes masculinos (65/57), tanto mais que não se regista presença feminina nas dedicatórias honoríficas, monumentais e votivas.

Relativamente ao parentesco, destaca-se a família nuclear (35x), particularmente a ascendente (20x). A família nuclear descendente (15x) tem um peso equivalente à família conjugal (15x) e à família extensa (15x). Note-se a forte presença das relações servis (14x), com relevo para os libertos. Finalmente, registe-se a presença de algumas dedicatórias *sibi* (8x). Verifica-se assim que, de um modo geral, trata-se dos parentes que seriam os herdeiros e/ou os "comemoradores" preferenciais do defunto (cf. Saller / Shaw, 1984: 126).

Parte das dedicatórias menciona, aliás, disposições testamentárias ou a presença do *heres*. No *conuentus Pacensis*, uma placa incompleta, oriunda da região de Évora, poderá ter contido a menção do testamento: *[Calp]u[r]nia C<h>elido s(oror) e[*x*] testamento?*] (HEp 5, 1020; *[d.]s.f.c.*). Em Mérida regista-se, numa placa monumental, a presença de um *sobrinus et heres* (HEp 7, 122; *de suo posit*). Na capital provincial ocorrem ainda diversos epitáfios com fórmulas relativas à exclusão de herdeiros do usufruto do sepulcro: *hmssehns* (AE 1983, 494); *[hmh]ns* (CIL II 532; *sibi* — casal); *[hmh] non se[q...]* (CIL II 575; *sibi* — casal).

Se juntarmos as menções das restantes ocorrências peninsulares, verificamos que a presença do *heres* ou da disposição testamentária é perfeitamente residual nas dedicatórias com a expressão *de suo*. Na Bética, um epitáfio de Malpartida de la Serena regista o *h(eres)* de um liberto (EE IX, 257). Em Iporca, a inscrição em honra de um membro do escol local foi colocada pela *soror et heres* (CILA II.1, 245); na mesma urbe, uma inscrição votiva foi dedicada pela *uxor et heres* de um notável (CILA II.1, 165). Em *Nescania*, o *heres* de um benemérito local consumou a sua oferta de uma estátua consagrada ao Génio municipal, acrescentando *de suo* uma quantia para as despesas necessárias (CIL II²/5, 838). Na Tarraconense, vários epitáfios mencionam herdeiros: *frat[er] ac heres* (*Clunia*: HEp 2, 138; *[h(eres) e]t f(i)lius*) (Numancia: CIL II 2838); *he(redes)* (Pamplona: EE VIII,

288); *here(des)* de um *magister Lar(um)* (Tarraco: RIT 412). Em Tarraco regista-se uma interessante dedicatória, realizada a expensas próprias por vários *collegae* de um militar que faleceu sem testamento — *intestatus defunctus* - (RIT 205; *d.s.f.*). Refira-se ainda, em *Barcino*, mais um epitáfio no qual se excluem os herdeiros do sepulcro — *hnhns* (CIL II 4561 = IRC 4, 148; *d.s.f.*).

Segundo Ioan Piso, a presença de fórmulas como *d.s.f.c.* em contexto funerário significaria que o dedicante, presumivelmente herdeiro do defunto, se tinha encarregado do monumento a expensas próprias, sem tocar na herança (vide Garcia Martínez / Le Roux, 1996: 66, n. 20; Le Roux, 1997: 316). Tal hipótese poderá explicar a escassez da menção de disposição testamentária nas inscrições analisadas.

Considerações finais

Como vimos, a epigrafia da *Hispania* apresenta um número considerável de fórmulas com a expressão *de suo*. Entre essas fórmulas reveladoras de *impensa*, *de suo faciendum curavit* é a mais popular. Relativamente ao âmbito de utilização, verificou-se que, entre os diversos contextos identificados (funerário, votivo, honorífico e monumental), o funerário era claramente o mais documentado.

Essas fórmulas são mais abundantes na *prouincia Lusitania*, que conta com mais de 50% dos testemunhos. A nível regional, detectam-se, na *Lusitania*, dois principais focos de concentração: o mais importante corresponde à capital provincial e ao *territorium* de uma das suas *praefecturae*; um outro foco destaca-se no *territorium* de *Olisipo*. Nas restantes províncias verificou-se que as principais concentrações correspondiam às respectivas capitais provinciais. Por outro lado, em termos globais, não foram detectadas grandes clivagens entre os testemunhos urbanos e os rurais, estes últimos frequentemente relacionados com *uillae*.

Em termos tipológicos abunda a utilização da estela, de acordo com modelos itálicos, na maior parte dos casos. Apesar da menção de alguns donativos dispendiosos, a maioria das ocorrências refere-se ao túmulo e/ou ao epitáfio.

Quanto à cronologia, verifica-se, em termos gerais, uma forte presença da expressão em monumentos dos séculos I e II d.C.

Os dedicantes inserem-se frequentemente no escol municipal; no entanto, abundam os libertos, não sendo desprezível o quantitativo de

ingenui indígenas. Note-se a presença de colonos itálicos ou seus descendentes.

A utilização epigráfica de fórmulas com a expressão *de suo* parece responder a vários tipos de motivações. No plano jurídico, tais fórmulas poderão significar que o herdeiro tratou do túmulo do testador a expensas próprias. No entanto, tal como o âmbito de utilização das fórmulas excede o contexto funerário, também as motivações ultrapassam certamente o âmbito jurídico. Efectivamente, o estatuto sócio-económico dos dedicantes e a tipologia dos monumentos sugerem que a utilização de tais fórmulas corresponde a uma certa ostentação de poder económico, bem como à imitação de modelos itálicos³⁷.

A utilização epigráfica de fórmulas com a expressão *de suo*, para além do seu significado jurídico, insere-se assim no ambiente de *aemulatio* dos modelos da Urbe, bem documentado na *prouincia Lusitania*.

BIBLIOGRAFIA

Siglas utilizadas:

AE = *L'Année Épigraphique*, Paris (indica-se o ano e o n.º da inscrição).

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum* (volume e n.º da inscrição ou da página).

CIL II — ver Emil Hübner, 1869 e 1892 (n.º da inscrição).

CIL II²/5 — ver Stylow *et alii*, 1998 (n.º da inscrição).

CIL II²/7 — ver Stylow *et alii*, 1995 (n.º da inscrição).

CILA = *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucia* (volume e n.º da inscrição).

CPILC — ver Hurtado de San Antonio, 1977 (n.º da inscrição).

EE = *Ephemeris Epigraphica*, Berlim (volume e n.º da inscrição).

EO — ver Silva, 1944 (n.º da página).

ERC — ver Brandão, 1972 (n.º da inscrição).

FC II — ver Étienne; Fabre, 1976 (n.º da inscrição).

FE = *Ficheiro Epigráfico*, suplemento da revista *Conimbriga*, Coimbra (volume e n.º da inscrição).

HAE = *Hispania Antiqua Epigraphica*, Madrid (n.º da inscrição).

HEp = *Hispania Epigraphica*, Madrid (volume e n.º da inscrição).

ILER — ver Vives, 1971 e 1972 (n.º da inscrição).

³⁷ Parece-nos que será útil aprofundar o estudo da utilização destas fórmulas a nível regional, no interior de cada província, bem como a nível do estatuto dos dedicantes, por exemplo.

IRC = *Inscriptions Romaines de Catalogne* (volume e nº da inscrição).
IRCP — ver Encarnação, 1984 (nº da inscrição).
MASMO = Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.
RAP — ver Garcia, 1991 (nº da inscrição).
RERC — ver Encarnação, 1994 (nº da inscrição ou da página).
RIT — ver Alföldy, 1975 (nº da inscrição).

- ABÁSULO, José-A. (1994): «Sobre algunas escuelas hispanorromanas», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, t. 60, 187-224.
- ALARCÃO, Jorge de (1988): *Roman Portugal*, vol. II, fasc. 1: *Porto, Bragança & Viseu*, Warminster.
- ALARCÃO, Jorge de (1990): «Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires" (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris, 21-34.
- ALARCÃO, Jorge de, et alii (1990): «Apendice», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires" (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris, 319-329.
- ALARCÃO, Jorge de; IMPERIAL, Flávio (1996): «Sobre a localização dos Lancienses e Tapori», *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, 39-44.
- ALFÖLDY, Géza (1975): *Die Römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin.
- ALMEIDA, Fernando de (1956): *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa.
- ARIÑO, Enrique; GURT, José M^a (1994): «Catastros romanos en el entorno de Augusta Emerita. Fuentes literarias y documentación arqueológica», *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du sol et habitats*, Madrid - Salamanque, 45-66.
- BASSIGNANO, Maria Silvia (1997): «Regio X - Venetia et Histria: Ateste», *Supplementa Italica*, nuova serie, 15, 11-376.
- BELTRÁN FORTES, José; BAENA DEL ALCÁZAR, Luis (1996): «Pulvinos monumentales de Mérida», *Anas*, 9, 105-132.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1972): «Epigrafia romana coliponense», *Conimbriga*, 11, 41-192.
- BUONOCORE, Marco (1984): *Schiavi e Liberti dei Volusi Saturnini. Le iscrizioni del columbario sulla via Appia antica*, Roma.
- CAGNAT, René (1914⁴), *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris.
- CARDOSO, Guilherme (1995): «Estela funerária de Peça Vinagre (Oeiras)», *FE*, 49, nº 222.
- CARDOZO, Mário (1958): «Novas inscrições romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra)», *Revista de Guimarães*, LXVIII, 355-376.
- CARVALHO, Pedro C. (1993): *Fragments de Inscrições Romanas do Museu Nacional Machado de Castro*, MNMC, Coimbra.
- CARVALHO, Rogério; ENCARNANÇA, José d' (1991a): «Ara votiva de Ninho do Açor», *FE*, 39, nº 176.
- CARVALHO, Rogério; ENCARNANÇA, José d' (1991b): «Uma placa funerária do Museu de Castelo Branco», *FE*, 39, nº 177.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, Enrique, et alii, (1990): Ciudades, territorios y vías de comunicación en la Lusitania meridional española», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires" (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris, 51-72.

- DIOGO, A. M. Dias; FEIO, Jorge (1999): «Árula aos Lares (Alvito) (*Conventus Pacensis*)», *FE*, 62, nº 280.
- EDMONSON, Jonathan (1993): «*Specula Urbis Romae*: a group of marble funerary stelae with arch and rosettes from *Augusta Emerita*», *Anas*, 6, 9-49.
- EDMONSON, Jonathan (1994): «Urban and rural funerary monuments from *Augusta Emerita* (Mérida, Lusitania): cultural differentiation in a roman colony», *XIV^e Congrès International d' Arqueologia Clàssica (Tarragona, 1993)*, Tarragona, 135-137.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1984): *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1986): «*Inscrições romanas do Conventus Pacensis - Aditamento*», *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, 99-109.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1993): «L' épigraphie du village à l'extrême occident d'Hispania», *L'Epigrafia del Villaggio*, Faenza, 237-259.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1994): *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1995): «Roma e as primeiras culturas epigráficas da Lusitânia Ocidental», in *Roma y el Nacimiento de la Cultura Epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 255-269.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1996): «Libertos no termo da Egitânia romana», *Materiais* (II Série), ano 1, nº 0 (vol. 2), 13-19.
- ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges (1976): «Épigraphie», in *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris, 13-232.
- FABRE, Georges; MAYER, Marc; RODÀ, Isabel (1997): *Inscriptions Romaines de Catalogne, IV. Barcino*, Paris, 1997.
- FERNANDES, Luís da Silva (1998-1999): «A Mulher na Epigrafia Romana do *Conventus Scallabitanus*», *Portugália*, n. s., vol. XIX-XX, 129-228.
- FERREIRA, Ana Paula (2000): «Sobre a dispersão dos *Tapori*: algumas notas de reflexão», *Conimbriga*, 39, 153-189.
- FRIGGERI, Rosana (1991): «Sepolcreto sulla via Prenestina (Tor d' Schiavi)», 256-269, in AA.VV., «*Inscriptiones Latinae Liberae Rei Publicae*», *Epigrafia. Actes du Colloque en Mémoire de Atilio Degrossi*, Roma, 241-491.
- GARCIA, José Manuel (1984): *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.
- GARCIA, José Manuel (1991): *Religiões Antigas de Portugal - Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite Vasconcelos - Fontes Epigráficas*, Lisboa.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Sónia M^a.; LE ROUX, Patrick (1996): «Un nuevo testimonio sobre *Celticum Flavium* en *Asturica Augusta* (Astorga, León)», *Conimbriga*, 35, 59-67.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián (1991): *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía, Vol. II: Sevilla*, tomo I, Sevilla.
- GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; MANGAS MANJARRÉS, Julio (1991): *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía, Vol. III: Jaen*, tomo II, Sevilla.
- GORGES, Jean-Gérard (1990): «Villes et villas de Lusitanie», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires" (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris, 91-113.
- HÜBNER, Emil (1869): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim.
- HÜBNER, Emil (1892): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae - Supplementum*, Berlim.

- HÜBNER, Emil (1899): «Additamenta nova ad *Inscriptiones Hispaniae Latinae*», *Ephemeris Epigraphica*, VIII, Berlín, 351-528.
- HÜBNER, Emil (1913): «Additamenta nova ad corporis volumen II», *Ephemeris Epigraphica*, IX, Berlín, 12-185.
- HURTADO DE SAN ANTONIO, Ricardo (1977): *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres.
- IGLESIAS GIL, José M. (1993): «Las fórmulas en las inscripciones latinas votivas de la Hispania Romana: ensayo logico estadístico», *Hispania Antiqua*, XVII, 279-320.
- JIMÉNEZ LOSA, Marta (1997): «Metodología para determinar los colectivos serviles en *Augusta Emerita*: la relación *nomen unicum*-esclavo y los libertos con onomástica latina», *Revista de Estudios Extremeños*, 53(3), 741-766.
- LE ROUX, Patrick (1997): «Un nouveau témoignage sur *Celticum Flavium* à Asturica (Astorga, León)», [résumé], *Cahiers du Centre Gustave-Glotz*, VIII, 315-316.
- MANTAS, Vasco Gil (1982): «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga*, 21, 5-99.
- MANTAS, Vasco Gil (1988): «*Orarium donavit Igaiditanis*: epigrafía e funções urbanas numa capital regional lusitana», *Actas I^{er} Congreso Peninsular de Historia Antigua* (Santiago de Compostela, 1-5 Julio 1986), Santiago de Compostela, vol. II, 415-439.
- MELCHOR GIL, Enrique (1994): *El Mecenazgo Cívico en la Bética. La contribución de los evergetas a la vida municipal*, Córdoba.
- NOGALES BASARRATE, Trinidad (1994): «Las estelas funerarias peninsulares en el Mundo Clásico. El fenómeno emeritense», *V Congreso Internacional de estelas funerarias* (Soria, 28 de Abril al 1 de Mayo de 1993) - *Actas del Congreso*, Soria, 201-210.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1990): «Estructura demográfica y económico-social de *Augusta Emerita* según se infiere de los colectivos mas humildes», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 293-311.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1994a): «La *Baeturia Celtica* y los límites con Lusitania», *Actas del II Congreso de Historia de Andalucía (1991)*, vol. 3: *Historia Antigua*, Córdoba, 345-353.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1994b): «La demografía del *territorium emeritense* (excepto el casco urbano) según la documentación epigráfica», *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du sol et habitats*, Madrid - Salamanque, 131-147.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1994-95): «Estelas de granito ineditas del M.N.A.R. (Museo Nacional de Arte Romano) de Mérida», *Anas*, 7-8, 257-268.
- RIBEIRO, José Cardim (1974-1977): «Três novos monumentos epigráficos da época romana pertencentes à zona oeste do Município Olisiponense», *O Arqueólogo Português*, s. III, VII-IX, 277-329.
- RIBEIRO, José Cardim (1982-1983): «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», *Sintria*, I - II (tomo 1), 151-476.
- RIBEIRO, José Cardim, *et alii* (1986): «Contributos museológicos para uma abordagem antropológica da Região Saloia», *Colóquio APOM/85 - Extracto das Actas: Museus da Região de Sintra*, Sintra, 13-41.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1991): «Espacios de uso funerario con indicación de medidas en las necrópolis romanas», *Conimbriga*, 30, 59-64.

- SALAS MARTIN, J.; ROSCO MADRUGA, J. (1991-92): «Epigrafia latina de Abertura y Villamesias (Cáceres)», *Anas*, 4-5, 137-159.
- SALAS MARTÍN, J., *et alii* (1997): *Inscripciones Romanas y Cristianas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*, Badajoz.
- SALLER, Richard P.; SHAW, Brent D. (1984): «Tombstones and roman family relations in the Principate: civilians, soldiers and slaves», *Journal of Roman Studies*, 94, 124-156.
- SAQUETE CHAMIZO, Jose Carlos (1997): *Las Elites Sociales de Augusta Emerita*, Mérida.
- SILVA, A. Vieira da (1944): *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa.
- STYLOW, Armin U. (1995): «Los inicios de la epigrafia latina en la Bética. El ejemplo de la epigrafia funeraria», in *Roma y el Nacimiento de la Cultura Epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 219-238.
- STYLOW, A. U., *et alii* (1995): *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II. Inscriptiones Hispaniae Latinae, editio altera, pars VII. Conventus Cordubensis*, Berlín-Nova Iorque.
- STYLOW, A. U., *et alii* (1998): *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II. Inscriptiones Hispaniae Latinae, editio altera, pars V. Conventus Astigitanus*, Berlín.
- VIVES, José (1971-1972): *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona.

Quadro I - DE SVO: Menção de donativos na *Hispania*

Província	Proveniência	Donativo	Fórmula	Contexto	Referência
Lusitânia	Lisboa	hoc maesolium	D(e) Suo Faciendum Curauit	Funerário	CIL II 214
	Murches, Cascais	aram	D(e) Suo F.C.	Funerário	HEp 6, 1049
	Soure	[tumul?]u suo cum marmorib[us e]t laquiaribus	De Suo [Patrimon]io Faciendum Curauit	Funerário	HEp 6, 1037
	Castro Marim	statua	D.S.P.	Funerário	IRCP 92
	Vipasca, Aljustrel	statua cum basi	De Suo Posuerunt	Honorífico	IRCP 121
	Arroyomolinos de Montánchez, Cáceres	t(itulum)	F.C.D.S.	Funerário	ILER 3470
	Oliva de Plasencia, Cáceres	cippum	D.S.F.	Funerário	CIL II 823
	Trujillo, Cáceres	aram	De Suo Pone	Votivo	ILER 45
	Mérida	statuam	De Suo Posit	Funerário	Hep 7, 122
	Cabeço dos Tiros, Idanha- a-Nova,	m(onumentum)	D.S.P.	Votivo	RAP 195

Província	Proveniência	Donativo	Fórmula	Contexto	Referência
Bética	Montilla, Córdoba	monimentum	De Suo Fecit	Funerário	CIL II 1542
	Iporca, Sevilha	epulo	De Suo Dato	Funerário	CIL II 1047
	Antequetera, Málaga	monimentum	D.S.P.	Funerário	CIL II 5493
	Esparragosa de la Serena, Badajoz	aram	D.S.D.D.	Votivo	EE IX, 252
	Estepa, Sevilha	basis	D.S.D.	Votivo	CIL II 1437
	Peñaflor, Sevilha	annulum aureum, gemma meliore	De Suo Addidit	Votivo	CIL II 2326
	Valle de Abdalajís, Málaga	adiectis ... ad impensas operis HS C n(umum)	De Suo Dedicavit	Votivo	CIL II ² /5, 838
	Castro del Rio, Córdoba	imag(inem)	D.S.D. Dedicavit	Honorífico	CIL II 1569
Tarraco-nense	Chaves	pontem lapideum	De Suo F.C.	Monumental	CIL II 2478
	Rejas, Burgos	exedriam cum basi	D.S.F.C.	Monumental	CIL II 2915; HEp 4, 201
	Tarragona	exhedra cum fronti templi	De Suo Ref(ecit)	Monumental	CIL II 4085
	Segobriga, Cuenca	cipum et sepulturam	D.S.D.	Funerário	HEp 2, 375

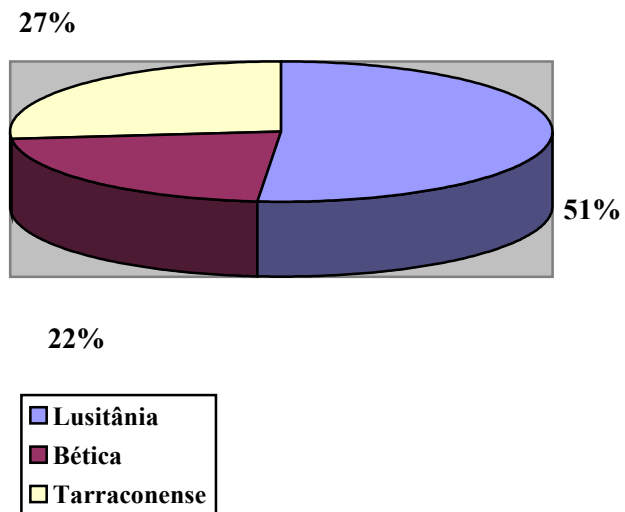
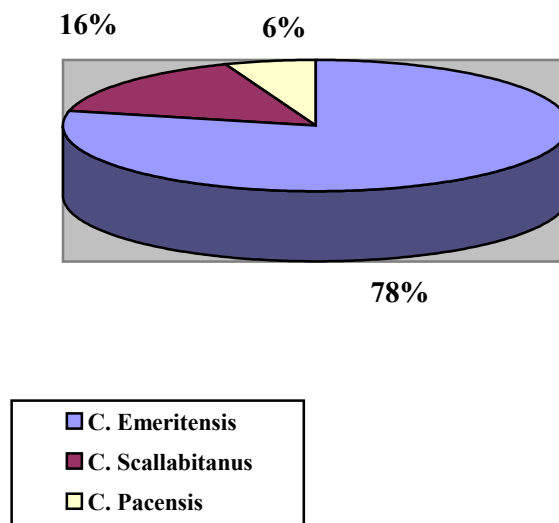
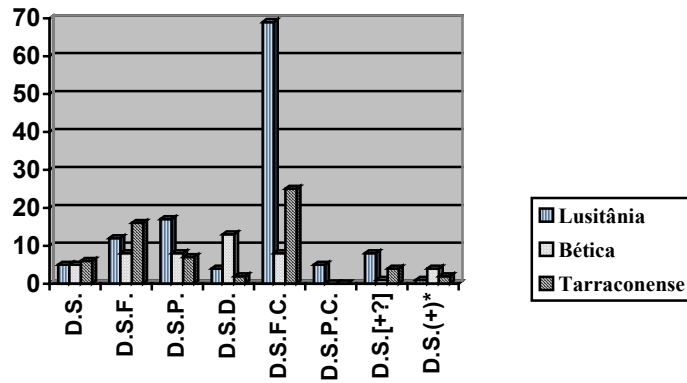
Gráfico 1 – *DE SVO*: Inscrições (*Hispania*)Gráfico 2 – *DE SVO*: Inscrições (*Lusitania*)

Gráfico 3 – *DE SVO*: Fórmulas (*Hispânia*)

*) Lusitânia: *de suo [patrimon]io faciendum curavit*

Bética: *de suo addidit; d.s.d.d.; d.s.d.dedicavit, de suo dedicavit; [d]e suo peculio.*

Tarraconense: *de suo refecit; [fec. d(e)?] s(uo) peculio.*

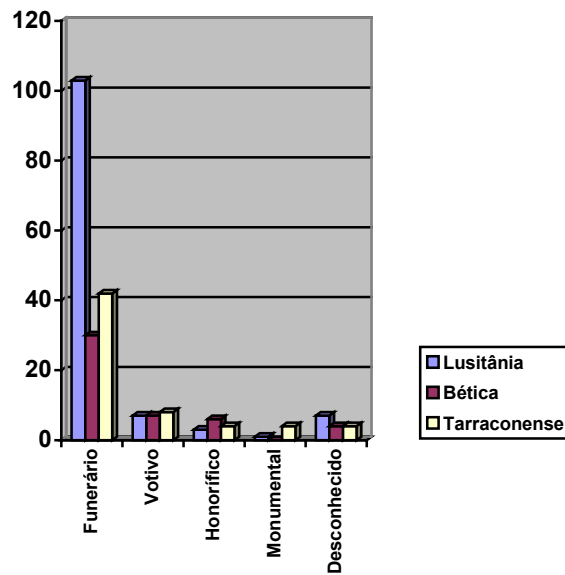
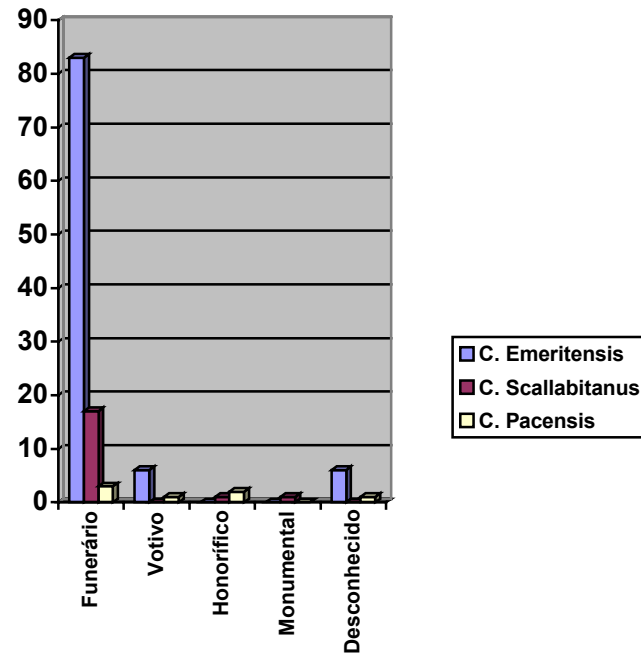
Gráfico 4 – *DE SVO*: âmbito de utilização (*Hispania*)

Gráfico 5 – *DE SVO*: âmbito de utilização (*Lusitania*)

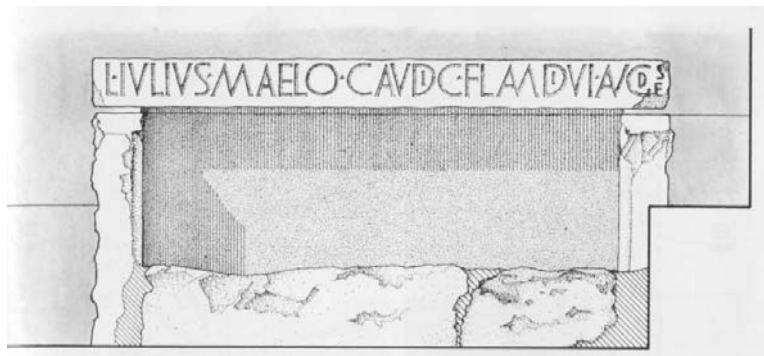


Fig. 1: Fonte de Armês (in Ribeiro, 1982-1983: 169, fig. 4)

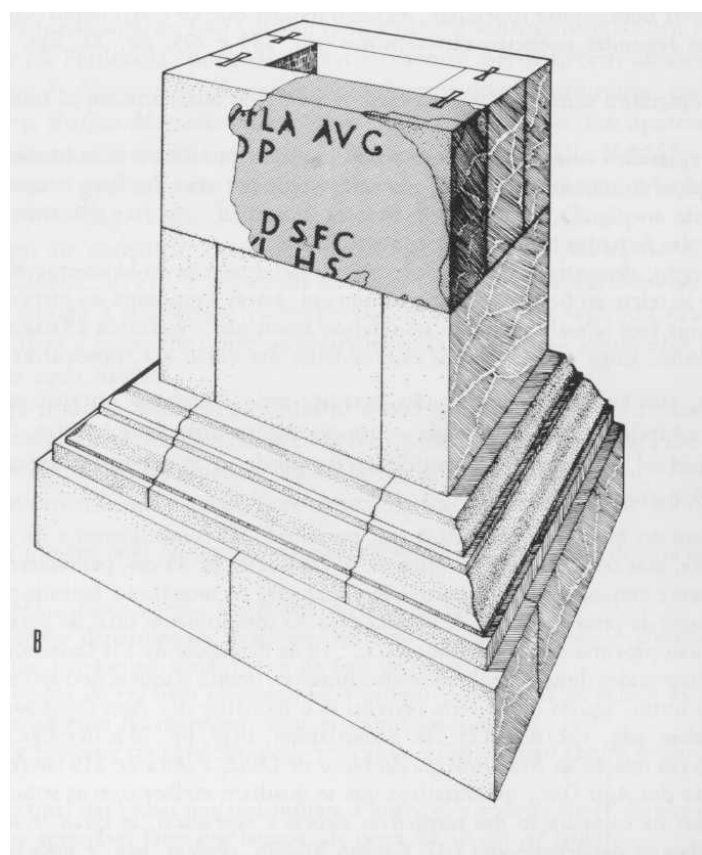


Fig. 2: Bloco do Faião (in Ribeiro, 1982-1983: 448, fig. 104)

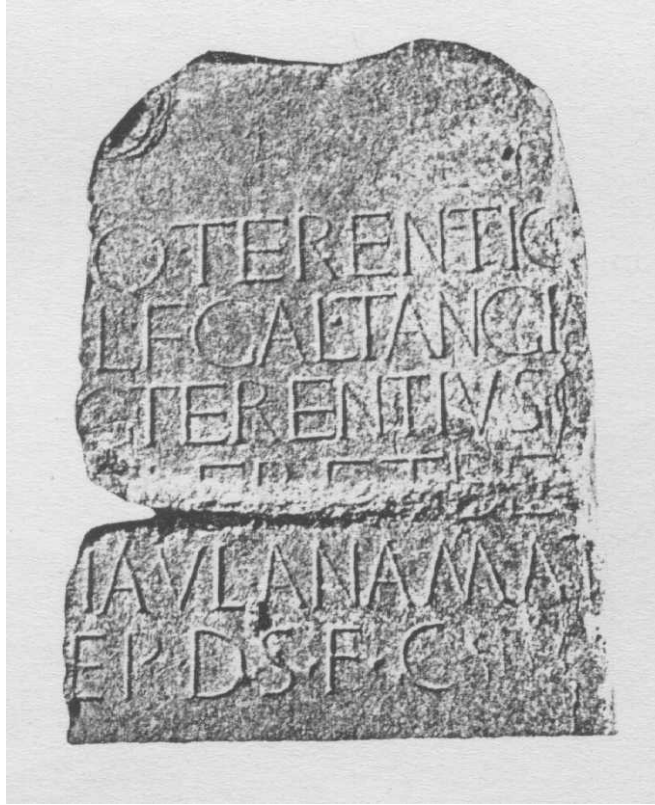


Fig. 3: Estela de S. Miguel de Odrinhas (in Cardozo, 1958: 358).



Fig. 4: Bloco de Murches (in Encarnação, 1994, foto 23).

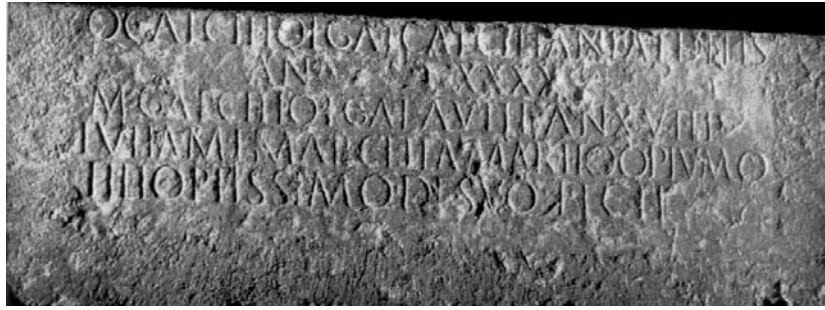


Fig. 5: Placa de S. Julião (in Mantas, 1982, foto 13).

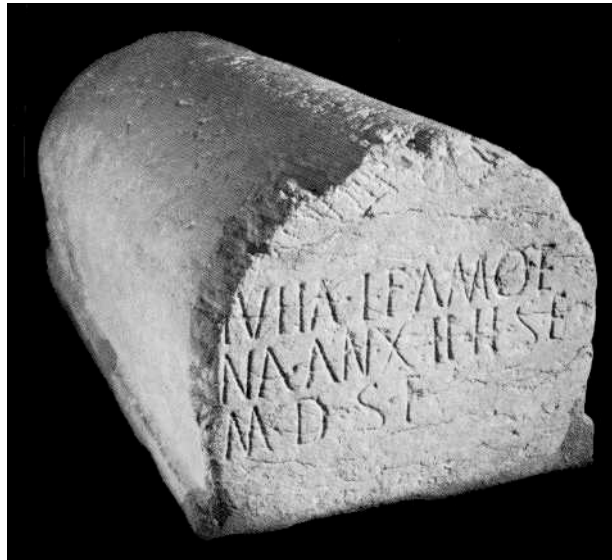


Fig. 6: Cupa de S. Gião (in Mantas, 1982, foto 2).